



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 31/07/2020 a 06/08/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
31/07/2020	8,97	289,30	30,91	5,31	3,16
03/08/2020	8,97	287,10	31,67	5,21	3,17
04/08/2020	8,83	283,70	31,53	5,08	3,08
05/08/2020	8,82	282,30	31,70	5,10	3,11
06/08/2020	8,80	280,70	31,52	5,01	3,11
Média	8,88	284,62	31,47	5,14	3,13

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	110,00	
RS – Não Me Toque	109,00	
RS – Londrina	104,00	
PR – Cascavel	104,00	
MT – C.N.Parecis	105,00	
MS – Maracaju	117,00	CIF
GO - Rio Verde	97,00	
BA – L.E.Magalhães	106,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	54,00	CIF
Porto de Paranaguá	52,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	45,00	
SC – Rio do Sul	46,00	
PR – Cascavel	44,50	
PR – Londrina	44,50	
MT – C.N.Parecis	37,00	
MS – Maracaju	42,00	
SP – Itapetininga	50,00	
SP – Campinas	55,00	CIF
GO – Rio Verde	41,00	
GO – Jataí	41,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	57,00	
RS – Não Me Toque	55,00	
PR – Londrina	58,00	
PR – Cascavel	60,00	

Período: 05/08/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 06/08/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	45,10	109,12	55,23

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
06/08/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	64,42
Feijão (saco 60 Kg)	198,13
Sorgo (saco 60 Kg)	37,07
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,67
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,71**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,18

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Julho/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, após se aproximarem novamente dos US\$ 9,00/bushel, recuaram no final desta primeira semana de agosto. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (06) em US\$ 8,80/bushel, contra US\$ 8,91 uma semana antes. A média de julho ficou em US\$ 8,95, contra US\$ 8,85 em julho de 2019, e US\$ 8,67/bushel na média de junho do corrente ano.

O mercado externo começa a se preparar para o novo relatório de oferta e demanda do USDA, o qual deverá ser anunciado em 12/08. O mesmo poderá aumentar o volume da nova safra dos EUA já que as condições das lavouras têm melhorado sistematicamente nestas últimas semanas.

Tanto é verdade que até o dia 02/08 o índice de lavouras entre boas a excelentes chegou a 73% do total. Outros 21% estavam regulares e apenas 6% entre ruins e muito ruins. Lembrando que a colheita da soja nos EUA começa no final de setembro próximo. No início de agosto 85% das lavouras estadunidenses estavam em floração e 59% com formação de vagens.

Neste contexto, salvo um problema climático de última hora, os EUA deverão ter uma safra cheia neste ano. Isto pode representar uma produção final entre 112 a 118 milhões de toneladas, contra a frustrada safra passada que atingiu 96,7 milhões de toneladas.

Apesar do pequeno recuo em Chicago, os preços no Brasil se mantiveram em alta, puxados especialmente pela continuidade na elevação dos prêmios nos portos brasileiros, além de um câmbio que chegou a R\$ 5,35 por dólar durante a semana.

Em termos dos prêmios, os mesmos já ultrapassaram os US\$ 2,00/bushel em muitos portos nacionais, caso de Rio Grande que chegou a bater em US\$ 2,30 pelo lado vendedor (os compradores têm ficado entre US\$ 1,40 e US\$ 1,70/bushel). A pouca oferta de soja, ligada ao alto volume exportado e à forte demanda chinesa explicam este movimento. Segundo informações, em 10 dias a China comprou 37 navios de soja no mercado mundial, sendo 25 destes aqui do Brasil. Assim, as altas nos valores dos prêmios nos portos nacionais já se repercutem igualmente sobre a futura safra de soja brasileira. (cf. Agrinvest)

Esta situação colocou novamente os preços nominais médios em recorde histórico nesta semana. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 109,12/saco, enquanto nas demais praças o produto registrou os seguintes valores: R\$ 104,00/saco no norte e oeste do Paraná; R\$ 97,00 em Rio Verde (GO); R\$ 106,00 em Luís Eduardo Magalhães (BA); R\$ 105,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 117,00/saco no CIF Maracaju (MS).

A falta de produto no país, além de aumentar os volumes de importação, está fazendo com que muitas indústrias moageiras comecem a parar suas atividades a partir de setembro, ou seja, mais cedo do que o normal.

Em termos regionais, no Mato Grosso (cf. Imea), a área semeada com soja deverá ser maior nesta nova safra, podendo atingir a 10,2 milhões de hectares, com aumento de

2,2% sobre o ano passado. Na prática, todos os Estados produtores no Brasil deverão aumentar suas áreas com soja nesta nova safra.

Por sua vez, as exportações nacionais da oleaginosa continuam firmes. Em julho o país teria exportado 8 milhões de toneladas, contra 7,4 milhões em julho do ano passado (cf. Anec). Com isso, o total acumulado neste ano chega a 74,2 milhões de toneladas, superando de longe os volumes negociados em 2018 e 2019, quando as vendas externas nesta época chegavam a 51 milhões de toneladas. No complexo soja (grão, farelo e óleo) as vendas, nos sete primeiros meses do ano, atingem a 85,7 milhões de toneladas, contra 62,6 milhões no mesmo período do ano passado. Para agosto, projeta-se vendas externas ao redor de 6,7 milhões de toneladas. Hoje o Brasil já embarcou 71% de toda a safra colhida no último verão, fato que ajuda a pressionar os preços para cima já que o produto disponível está cada vez mais escasso, enquanto a demanda externa, puxada pela China, continua firme. (cf. Brandalize Consulting) No atual ritmo, o Brasil poderá fechar 2020 com exportações de grãos de soja entre 81 e 82 milhões de toneladas.

Somente o Mato Grosso deverá exportar 22,1 milhões de toneladas de soja da safra 2019/20, enquanto o esmagamento local somará 10,3 milhões de toneladas.

Em termos das exportações de farelo de soja, a Anec espera que o Brasil atinja a 11,5 milhões de toneladas nos oito primeiros meses de 2020, caso se confirmem as vendas de 1,5 milhão de toneladas neste mês de agosto.

Ao mesmo tempo, diante das dificuldades de abastecimento interno, o país poderá fechar o ano com importações de soja na casa de um milhão de toneladas.

Neste contexto, não surpreende a tendência de aumento de área semeada na futura safra. Assim, em o clima ajudando, o país poderá até ultrapassar as 132 milhões de toneladas de soja previstas. Espera-se que o plantio tenha um incremento nacional de 1,1 milhão de hectares para 2020/21, com a área total podendo chegar a 38 milhões de hectares. (cf. Agroconsult) Este movimento se dá pelo entusiasmo dos produtores diante dos atuais preços, mesmo que os custos de produção tenham aumentado. Afinal, em clima normal, a rentabilidade média tem subido significativamente nestes últimos três anos na maioria dos Estados produtores. Assim, no Mato Grosso, maior Estado brasileiro produtor de soja, a rentabilidade em 2018/19 foi de cerca de 800 reais/hectare, subindo para 1.482 reais/hectare em 2019/20, sendo agora projetada em aproximadamente 1.700 reais/hectare em 2020/21, caso as condições de mercado permaneçam. Aliás, não se pode esquecer que cerca de 50% da futura safra já foi negociada a preços futuros nos atuais níveis, o que leva os produtores a plantarem mais.

Enfim, em termos gerais, de janeiro a julho a demanda total de soja no Brasil, somando exportações e consumo interno, saltou de 72 milhões para 93,8 milhões de toneladas entre o ano passado e este ano. Isso significa um aumento de 30,3% em um ano, em um momento em que houve quebra em torno de 50% na safra gaúcha, terceiro produtor nacional, o que diminuiu em cerca de 10 milhões de toneladas a oferta total no país nesta última safra.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago recuaram novamente nesta primeira semana de agosto, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (06) em US\$ 3,11/bushel, contra US\$ 3,16 na semana anterior. A média de julho ficou em US\$ 3,32/bushel, contra US\$ 4,27 um ano antes e US\$ 3,27/bushel em junho passado. Ou seja, no espaço de um ano o bushel de milho perdeu cerca de um dólar de seu valor em Chicago.

A manutenção de índices elevados na qualidade das lavouras do cereal nos EUA está por trás desta realidade. Efetivamente, 72% das lavouras estão entre boas a excelentes, 21% estão regulares e 7% apenas entre ruins a muito ruins. Cerca de 39% das lavouras estão em fase de enchimento de grão, contra 33% na média histórica.

Por sua vez, o Ministério da Agricultura argentino informou que a colheita de milho no vizinho país, relativa a safra 2019/20, atingia a 96% da área total no início da corrente semana. No ano passado, nesta época, a mesma chegava a 89%.

No Brasil, os preços do milho se mantiveram firmes em muitas praças. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 45,10/saco, enquanto nas demais praças os preços registraram os seguintes valores médios: R\$ 46,00 na região central de Santa Catarina; R\$ 44,50 no norte e oeste do Paraná; R\$ 37,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 42,00 em Maracaju (MS); R\$ 50,00 em Itapetininga (SP); R\$ 55,00 no CIF Campinas (SP); e R\$ 41,00/saco em Rio Verde e Jataí (GO).

Na B3, em São Paulo, o contrato com vencimento em setembro estava em R\$ 53,38 nesta quinta-feira (06), enquanto novembro ficava em R\$ 53,80; janeiro em R\$ 54,55 e março em R\$ 53,80/saco.

A colheita da safrinha atingia a 65% da área até o dia 31/07, ficando abaixo da média histórica que é de 67% (cf. Arc Mercosul). No ano passado, nesta data, a colheita chegava a 79% da área. Isso confirma a tendência inicial de atraso na mesma devido a problemas climáticos iniciais no plantio. Além disso, nos últimos tempos houve muita chuva em algumas regiões produtoras, atrasando a colheita.

Estima-se uma colheita final na safrinha ao redor de 74 milhões de toneladas, apesar de redução na produção do Paraná e do Mato Grosso do Sul. Para o próximo ano espera-se um aumento de 5% na área semeada no Centro-Sul brasileiro, com a mesma atingindo a 13,9 milhões de toneladas, fato que, em clima normal, pode levar a produção para 81,9 milhões de toneladas.

Para a primeira safra de milho do próximo ano, a colheita safra de verão, espera-se uma área estável, ao redor de 5,1 milhões de hectares, com uma produção podendo chegar a 28,4 milhões de toneladas (cf. Agroconsult).

Por outro lado, neste ano comercial (fevereiro/20 a janeiro/21) as exportações brasileiras podem chegara a 34,6 milhões de toneladas, porém, a probabilidade maior, diante do atual volume já vendido, é de vendas ao redor de 30 milhões de toneladas, após 42 milhões exportadas no ano anterior.

As exportações de milho para o mês de agosto estão estimadas em 6,3 milhões de toneladas, representando um avanço sobre o exportado em julho, que foi de 5,1 milhões de toneladas, porém, com recuo de 17,6% sobre o que foi vendido em agosto do ano passado. Assim, no acumulado entre janeiro e agosto o Brasil já exportou 13,9 milhões de toneladas, contra 22,5 milhões no mesmo período do ano anterior. É bom lembrar que no ano anterior as vendas externas de milho pelo Brasil foram excepcionais.

Nota-se uma divergência, nas exportações de milho, entre os dados do governo e os da iniciativa privada. Enquanto esta última fala em 5,1 milhões de toneladas exportadas em julho, a Secex informa que, nos 23 dias úteis do mês, o país exportou apenas 4,2 milhões de toneladas. Pelos números oficiais nossas exportações diárias médias, neste ano, ficaram 29,9% menores do que o registrado em julho de 2019.

Já a produção final de milho por parte do Brasil, neste ano, ficará em 110 milhões de toneladas, contra 101 milhões no ano anterior.

No Mato Grosso, segundo o Imea, apesar de uma produção de 33,5 milhões de toneladas de milho neste ano, os estoques finais do produto, naquele Estado, ficariam em apenas 20.000 toneladas diante da enorme demanda existente pelo produto. No início de agosto cerca de 87% da produção da safrinha já havia sido comercializada, enquanto a colheita chegava a 94% da área. A produtividade média no Estado está em 107,4 sacos/hectare.

Por sua vez, no Paraná a colheita da safrinha atingia a 37% da área até o dia 03/08, segundo o Deral. A mesma está muito atrasada já que no ano passado, nesta época, a colheita atingia a 81%. Das lavouras que faltam colher há 45% em boas condições, além de 38% em condições consideradas médias.

Enfim, no Mato Grosso do Sul, segundo a Famasul, a colheita chegava a apenas 13,4% no início da corrente semana, contra 69% no mesmo período do ano anterior e a média histórica de 55%. A comercialização da safra atingia a 51,2% no fechamento de julho, com o preço em valorização. De fato, em relação a julho do ano passado o preço do cereal, naquele Estado, subiu 42%, passando de R\$ 27,08 para R\$ 38,48/saco. A produtividade média continua em torno de 76 sacos/hectare, e a produção final ficaria em 8,6 milhões de toneladas. Esta menor produção se deve especialmente ao fato de que 30% da área plantada no Estado ter ficado fora da janela ideal de plantio devido a problemas climáticos.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago oscilaram novamente nesta primeira semana de agosto, com viés de baixa sensível. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (06) em US\$ 5,01, contra US\$ 5,29 na semana passada. A média de julho ficou em US\$ 5,23/bushel, contra US\$ 5,06 em julho de 2019 e US\$ 4,97 em junho do corrente ano.

Nos EUA, a colheita do trigo de inverno chegou a 85% no dia 02/08, contra 88% na média histórica. Enquanto isso, a colheita do trigo de primavera atingia a 5% na mesma

data, contra 10% na média histórica. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras do trigo de primavera ainda a serem colhidas atingiam a 70% entre boas a excelentes, 24% regulares e 6% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, a China está importando mais trigo para o próximo ano, visando garantir estoques, fato que tende a animar um pouco mais o mercado futuramente. Espera-se um volume de 6 milhões de toneladas nos 12 meses a partir de junho, aumentando dois milhões de toneladas em relação ao ano anterior. Em se confirmando este volume, será a maior importação de trigo por parte da China desde 2013/14.

Na prática, a área cultivada de trigo na China vem diminuindo já que o governo local estaria estimulando seus produtores a mudarem para outras culturas em regiões secas, que vêm usando muita água subterrânea, assim como escolherem culturas com mais rentabilidade econômica.

Ao mesmo tempo, a China está usando mais trigo na ração animal, pois os preços do milho estão muito elevados. Neste sentido, o aumento no consumo de trigo para ração deverá ser de 4,5 milhões de toneladas, chegando ao total anual de 20 milhões de toneladas.

Já no Brasil existe a possibilidade de se chegar a uma produção final superior a 7 milhões de toneladas, porém, os problemas climáticos e de doenças fúngicas em diversas regiões podem impedir este número. Mas, caso se confirme tal produção, as importações serão menores em 2021. Assim, enquanto o setor privado chega a apontar uma possível safra de 7,3 milhões de toneladas, a Conab indica 6,3 milhões, contra 5,2 milhões de toneladas colhidas na safra passada, sendo que grande parte dela com qualidade inferior. O fato é que, com o preço elevado, a área semeada cresceu no país. Agora resta esperar que o clima, que tem causado alguns problemas, seja positivo no restante da safra.

Na história da triticultura nacional, os dois anos com maior produção foram 2016 com 6,7 milhões de toneladas e 1987 com 6,1 milhões.

Dito isso, por enquanto analistas privados estão considerando que as importações nacionais de trigo, neste novo ano comercial, podem recuar para uma faixa entre 5,7 e 6,3 milhões de toneladas, contra as 7,3 milhões até o momento estimadas.

Em termos dos Estados produtores, o Paraná, que tem escapado das geadas intensas que atingiram o sul do país, continua projetando uma safra local de 3,68 milhões de toneladas, com aumento de 72% sobre a frustrada safra do ano passado. Já no Rio Grande do Sul o volume esperado gira ao redor de 2,8 milhões de toneladas neste momento. Mas ainda há um período muito longo até a colheita, fato que coloca o mercado em atenção máxima em relação ao clima. Neste caso, o Paraná começa a se preocupar com a possibilidade de clima seco neste mês de agosto, fato que poderá provocar perdas em suas lavouras de trigo.

Com a economia brasileira voltando lentamente a certa normalidade, mesmo no auge da pandemia em grande parte do país, a demanda por farinhas voltou a crescer, fato que aquece o mercado local. Afora isso, o câmbio se mantendo acima de R\$ 5,30 por dólar continua deixando o produto importado bastante caro, auxiliando na manutenção

de preços locais elevados. Mas, se a safra vier na dimensão indicada neste momento, tudo indica que os preços do trigo irão recuar no país, talvez até em níveis importantes, especialmente no Rio Grande do Sul, onde a colheita é mais tardia e o escoamento da produção encontra sempre dificuldades maiores.